



JEL UERJ
Jornadas de Estudos da Linguagem
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



RECONSTRUINDO IDENTIDADES DISCURSIVAS DE E RAÇA NA SALA DE AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Aline da Silva Azevedo (azeline@ig.com.br)

Apesar de vivermos em um país miscigenado, em que o ideário de misturas e democracia racial perpassa o processo de construção identitária dos alunos e da comunidade escolar, temos notícia, diariamente, de práticas sociais preconceituosas em relação à raça.

A presente comunicação, recorte de minha dissertação de Mestrado defendida em maio do presente ano no Programa Indisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ, parte da ideia de que alunos negros no Brasil costumam ter suas experiências envolvendo racismo e estigmatização silenciadas no contexto educacional, devido a práticas pedagógicas institucionalizadas, que tratam de temas como discriminação e diferença de forma apenas periférica. Levando em conta tal cenário, o objetivo deste trabalho é investigar a possibilidade de (re)construção das identidades de raça de alunos em termos menos naturalizados e estigmatizados.

Para tal, o estudo reflete sobre a operacionalização de uma proposta de intervenção encaminhada por uma professora-pesquisadora junto a seus alunos de 6º ano (5ª série) na sala de aula de Inglês como Língua Estrangeira, em uma escola municipal situada na região metropolitana do Rio de Janeiro. Essa intervenção foi levada a efeito em oito aulas, nas quais os participantes eram estimulados a refletir criticamente sobre os sentidos tradicionalmente atribuídos às identidades negras, sem, contudo, incorrer na essencialização de uma negritude de caráter fechado – orientada por um tipo de ação denominado “essencialismo estratégico” (SPIVAK, 1993). Ancorado por uma visão sócio-construcionista do discurso e das identidades sociais (MOITA LOPES, 2002), a qual pressupõe que o discurso é construtor de realidades e identidades sociais, por uma abordagem multiculturalista (BANKS, 2002) e por uma epistemologia pós-colonial (SANTOS, 2004), o estudo segue o paradigma interpretativista, tendo contornos de pesquisa etnográfica crítico-intervencionista. O ferramental analítico que orienta a análise dos dados é advindo da Sociolinguística Interacional (GOFFMAN, 1979/1998; GUMPERZ, 1998), cuja metodologia busca associar a observação do emprego de

aspectos linguísticos a um olhar para a diversidade cultural em contextos comunicativos, focalizando os efeitos de sentido gerados nas práticas discursivas.

Este ferramental analítico foi escolhido por gerar entendimento sobre o processo de aprendizagem conjunta no qual minhas/meus alunas/os e eu nos envolvemos e sobre os efeitos identitários deles decorrentes, optei por um ferramental teórico-analítico que propiciasse a observação e a descrição tanto de nossas ações conjuntas quanto das formas locais de negociação de sentidos.

As análises dos dados mostram que a sala de aula pode ser caracterizada como um fórum de reflexão sobre produtos culturais construtores de noções de verdades. Indicam, também, que, durante as inúmeras sessões reflexivas / debates encaminhados pelos participantes, os alinhamentos da professora como agente questionador e instigador terminaram por engajar os alunos em alinhamentos crítico-reflexivos produtores de discursos menos aprisionadores em relação às identidades de raça. Tais discursos, rearticulando as relações de poder na sala de aula, encorajaram os alunos a atuarem em posições ativas de discordância, argumentação e contra-argumentação em relação ao discurso da professora, o que apontou para a oscilação entre o desafio e a reprodução de discursos coloniais.

Foi possível perceber nos participantes micromovimentos de desestabilização de discursos sobre a subalternidade negra e aumento da autoestima, sinalizados pelo conjunto de alinhamentos crítico-reflexivos convivendo com alguns discursos naturalizados e arraigados. Entretanto, apesar de tal movimento pendular, o estudo sugere que discursos pós-coloniais podem se apresentar na escola como possibilidade de, explorando fissuras institucionais, fazer circular outros discursos e levar o alunado a produzir narrativas diferentes sobre si próprios e que a sala de aula de inglês pode ser um espaço de agenciamento, resistência e rearticulação das relações de poder.

PROPOSTA DE TRABALHO PARA SESSÃO DE **comunicação**:

Indicação da área/linha teórica do trabalho – [Linguística Aplicada- Interação e Discurso](#).